

***Eder Soares Santos: autobiografia winnicottiana***

Universidade Estadual de Londrina

Meu primeiro contato com Winnicott se deu durante a graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1996, enquanto me preparava para a pesquisa de iniciação científica. Nesse período, comecei a frequentar uma disciplina que o Prof. Loparic ofertou de introdução a *Ser e tempo*, de Heidegger. Obviamente, Heidegger era (e continua sendo) um filósofo de difícil compreensão, mas era fantástico! Pois estava diante do ponto de inflexão de toda a filosofia, o ponto frente ao qual toda a tradição e herança filosóficas eram obrigadas a ter de ser repensadas. Isso por si só já era muito empolgante.



Embora a leitura dos textos traduzidos de Heidegger fosse um grande enigma, as aulas de Loparic eram muito esclarecedoras. Foi nessas aulas que também conheci Winnicott. Já que havia um ponto de inflexão na filosofia, uma filosofia pós-metafísica, será que na história da psicanálise poderia ter acontecido algo parecido? Com qual ferramenta poderíamos demarcar essa distinção? Loparic nos colocava essas questões.

Como não se tratava de um curso sobre Winnicott, Loparic não podia ir tão longe. Porém, nessas aulas descobri que Winnicott representava uma mudança de paradigma em relação a Freud e que Thomas Kuhn era o referencial teórico filosófico para se fazer essa leitura. Assim foi que mudei os rumos da minha pesquisa, que inicialmente se concentrava apenas em Freud, para passar a estudar também Winnicott.

Meu tema de interesse em Freud era a angústia e logo comecei a ver como era colocado também na psicanálise winnicottiana. Todavia, a lente que eu utilizava agora, para olhar tanto para Freud como para Winnicott, era a teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn. Isso me permitiu ver que estes psicanalistas trabalhavam com concepções bastante diferentes quanto à fundamentação de suas teorias, no que diz respeito à ontologia, à generalização guia, à heurística, aos valores e, principalmente, aos seus exemplares.

Os dois primeiros livros de Winnicott com os quais tive contato na graduação ao começar a investigar o tema da angústia foram *O ambiente e os processos de maturação*, publicado pela Artmed, e *Natureza humana*, publicado pela Imago. A questão das angústias impensáveis me colocava numa leitura de contraposição com a angústia de castração em Freud e numa linha de aproximação direta com a questão da angústia em Heidegger. Esses primeiros passos deram sequência ao meu trabalho de investigação em Winnicott. Como resultado, defendi um mestrado que concretizou o que eu vinha realizando desde a graduação e que congregou em forma de dissertação a tese que Loparic apresentara sobre a mudança de paradigmas na psicanálise.

Creio que a questão da angústia constitui um dos vetores do meu trabalho de investigação sobre Winnicott. Sobre este tema, publiquei alguns artigos e capítulos que gostaria de destacar. Em “O conceito de angústia no pensamento pós-metafísico” (2005), pretendi traçar alguns pontos de intersecção entre o conceito de angústia na psicanálise de Winnicott e a fenomenologia existencial de Martin Heidegger para mostrar que a psicanálise winnicottiana se insere num contexto pós-metafísico. Apresentei um esboço da análise fenomenológica do sentido do ser em Heidegger e, em seguida, alguns pontos de afinidades entre esse pensamento fenomenológico e a psicanálise winnicottiana, apontando para uma possível aproximação do conceito de angústia nos dois autores.

No artigo “Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott” (2011), procurei mostrar que as angústias impensáveis não estão referidas às pulsões produzidas por um aparelho psíquico tal como é pensado por Freud, apontando a diferenciação que há para os temas da angústia, nascimento e sentimento de culpa em Freud e Winnicott. Indiquei que as angústias impensáveis estão ligadas a traumas na temporalização humana, ou seja, são experienciadas como falhas de confiabilidade na provisão ambiental em um momento em que, em estado de dependência absoluta, o bebê ainda não tem condições de lidar com as intrusões do ambiente e, por isso mesmo, não consegue ainda lidar com o imprevisível.

Um segundo vetor de meus interesses em Winnicott de uma perspectiva filosófica surge na sequência do trabalho de doutorado e tem a ver com pensar a psicanálise winnicottiana como uma mudança de paradigma, cujo ponto de inflexão começa na sua própria ontologia. O filósofo que melhor caracterizou e compreendeu as mudanças da ontologia na contemporaneidade foi Heidegger. Assim, considerar se Winnicott também poderia se alinhar a uma tentativa de superação da metafísica em seu campo de atuação – a psicanálise – com o auxílio de uma fenomenologia hermenêutica se colocava como tarefa a ser realizada. As pistas para a realização desse trabalho já tinham sido dadas em vários artigos publicados por Loparic, mas um trabalho

de construção e pesquisa sistemática ainda não havia sido realizado e foi o que me propus fazer na tese que se intitulou *A teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana*.

Fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa sobre Winnicott foi a frequência das aulas da Profa. Dra. Elsa Oliveira Dias, à época na PUC-SP, bem como da leitura de seus textos, pois ela lia Winnicott por Winnicott mesmo, diferentemente de como eu ainda costumava lê-lo: com as lentes da diferença de paradigmas Freud-Winnicott ou com as lentes da fenomenologia hermenêutica de Heidegger. Procurando repetir esse mesmo exercício que Dias propunha, percebi que a aproximação com Heidegger não seria tão simples quanto eu achava. E que eu precisaria descer ainda mais na minha compreensão da teoria de Winnicott.

Quando vim a publicar a tese em forma de livro em 2010, com o apoio da DWWeditorial e da Fapesp, *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*, este já saiu mais amadurecido, ressaltando, desde o título, o tipo de relação que pretendo, mesmo nos dias de hoje, estabelecer entre os dois autores: de que há várias dimensões que a ontologia heideggeriana pode ajudar na iluminação da teoria do amadurecimento, em especial por ser uma ontologia que não tem raízes metafísicas, mas também porque a própria teoria do amadurecimento tem muito a oferecer para a reflexão ontológica em nível filosófico, criando possibilidades que nem estavam no horizonte fenomenológico hermenêutico de Heidegger.

Publiquei vários artigos e capítulos de livro, especialmente sobre a questão da ontologia em Winnicott, tema pouco explorado. Mesmo aqueles que procuram tratá-lo o fazem sem o rigor devido, seja à própria psicanálise de Winnicott, seja à filosofia, se permitindo juntar referências que aparentemente se adequam, mas no contexto mais amplo não se combinam. Destaco, entre eles, o primeiro, publicado em 2006, “O acontecer humano: alguns apontamentos”, em que procurei mostrar alguns aspectos da teoria do amadurecimento de Winnicott e da teoria da acontecência (*Geschichtlichkeit*) de Heidegger, a fim de apresentar apontamentos sobre o existir humano e tentar encontrar encaminhamento para questões como: Qual é o estatuto de ser do doente psíquico? Pode-se dizer que o doente psíquico tem o mesmo modo de ser do não-doente? Em que medida podemos dizer que ele é quando denominamos, por exemplo, que certo paciente é esquizofrênico, ou é psicótico?

Depois, na linha que seguiu a pesquisa de doutorado, publiquei o artigo “D. W. Winnicott e Heidegger: indicações para um estudo sobre a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana” (2007), procurando indicar uma possível articulação entre a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott e a teoria da acontecência (*Geschichtlichkeit*) de Heidegger. Utilizei a noção de paradigma de Kuhn para, no quadro do desenvolvimento histórico da psicanálise, distinguir a psicanálise de Winnicott da psicanálise tradicional (Freud

e Klein). Pretendi mostrar, por um lado, que a ontologia presente na teoria de Winnicott aproxima-se de um modo de pensar a natureza humana muito afim às concepções pós-metafísicas de Heidegger, podendo a teoria da acontecência deste filósofo iluminar a compreensão dos elementos ontológicos que compõem a teoria winnicottiana. Porém, por outro lado, esse movimento de aproximação aponta para um distanciamento que permite notar que a psicanálise de Winnicott apresenta várias questões instigantes e suplementares a uma fenomenologia existencial.

Como mencionado, vi necessidade de tentar aprofundar uma compreensão filosófica que partisse do interior da própria teoria winnicottiana. Este é o trabalho de pesquisa mais difícil a ser realizado agora, pois ao mesmo tempo em que necessita de um conhecimento filosófico acumulado também é necessário certo desprendimento dos sapatos pesados da filosofia para não se ficar preso demais. Nessa tentativa, produzi dois ensaios. Um deles se intitula “Temas filosóficos na psicanálise de Winnicott” (2018), em que procuro contribuir para a investigação filosófica da psicanálise de Winnicott, mostrando que alguns temas clássicos da filosofia repousam em suas ideias, tais como: ontologia, conhecimento, criação e moral. Esses temas não se encontram escritos e debatidos em textos específicos de sua obra e exige do pesquisador intuir e avançar nas possibilidades de construir pontes que aproximem a psicanálise winnicottiana da filosofia. O outro tem por título “Desdobramentos filosóficos a partir de Winnicott” (2019), no qual tento desenvolver os desdobramentos filosóficos que a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott tem a oferecer para iluminar reflexões pertinentes à filosofia. Os conceitos eleitos para a discussão são natureza humana, continuidade-de-ser, eu e si-mesmo. Após percorrer esses conceitos que se intercambiam, faço uso da noção de cooriginação dependente, mostrando que relacionalidade, cuidado e confiabilidade proporcionam uma sustentação para a compreensão de ser no mundo, para a existência de um si-mesmo que não surge como algo ou uma propriedade que se assenta sobre outro algo.

Esses ensaios, na verdade, já são desdobramentos dos resultados de um aprofundamento da pesquisa. Em 2015, realizei um estágio pós-doutoral em Wuppertal, na Alemanha. Meu tema de investigação era a ciência do homem em Heidegger, embora eu soubesse – desde as aulas que tive com Loparic sobre o *Seminários de Zollikon* – que este projeto heideggeriano é incompleto. Foi um ponto de chegada que deveria levar a outro (ou outros) lugar(res). A pesquisa me mostrou alguns caminhos. E um dos caminhos aonde a ciência do homem em Heidegger nos leva é o de uma ciência aplicada sobre o homem, cuja proposta poderia ser concretizada numa ciência positiva, concreta, cuja ontologia tenha superado os problemas da metafísica em relação à compreensão do homem, chamada por Heidegger de ciência da

experiência (*Erfahrungswissenschaft*). Meus trabalhos sobre ontologia em Winnicott têm mostrado que sua teoria é uma das melhores candidatas cuja fundamentação ontológica trata do homem *qua* homem. E melhor, usando uma linguagem própria e adequada ao seu campo de aplicação.

Como resultado dessa pesquisa, publiquei o livro *Paths of science of man in Heidegger* (2019), pela editora Traugott Bautz. Este livro trata, primeiramente, das considerações que Heidegger faz sobre ciência ao longo de sua obra, até a publicação dos *Seminários de Zollikon*; em seguida, faz o mesmo tipo de levantamento em relação ao conceito de homem (*Mensch*). Por fim, apresenta minha tese de leitura, de que, nos *Seminários de Zollikon*, se vislumbram dois caminhos que a ciência do homem poderia seguir considerando o percurso que esses conceitos têm na obra heideggeriana: 1) Daseinsanálise como uma terapia meditativa para a transformação do homem na clareira do ser, e 2) Daseinsanálise como ciência da experiência. Termino o livro mostrando que a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, enquanto psicanálise aplicada, se apresenta como uma candidata excelente para cumprir as exigências de uma ciência da experiência, sem ter que, necessariamente, usar o jargão da fenomenologia de Heidegger, como fizeram Boss e outros.

Mais recentemente, em 2021, Caroline Vasconcelos Ribeiro e eu publicamos o livro *Winnicott e a filosofia*, pela DWWeditorial, em que reunimos textos de vários autores dedicados a refletir a psicanálise de Winnicott por um viés filosófico. Nesse livro, volto com um capítulo sobre a ontologia em Winnicott, ressaltando que a psicanálise winnicottiana possui uma ontologia própria, que, por vezes, vai ao encontro das discussões propostas por Heidegger em *Ser e tempo* e, por outras, sugere novos ângulos para a investigação fenomenológica. O que está em jogo não é a questão do ser, mas a questão de ser.

Com o intuito de desdobrar a psicanálise de Winnicott como uma ciência da experiência, dei-me conta de que é possível estabelecer um diálogo muito profícuo com um campo de conhecimento conhecido como enativismo. O enativismo se apresenta claramente como uma reação às ciências cognitivas clássicas, que pensam os processos cognitivos como algo representacional. Suas fontes filosóficas são bastante diversas, porém tem bases fortemente alicerçadas na fenomenologia, em especial em Merleau-Ponty, sendo não raras as várias recorrências a Husserl e Heidegger. Outra de suas fontes relevantes é o budismo, com ênfase nos escritos de Nagarjuna, e também a psicologia ecológica de Gibson. O enativismo tem sido usado com base em muitas abordagens, como fenomenologia dos afetos e emoções, fenomenologia da enfermidade, fenomenologia dos sentimentos existenciais. O que notei de interessante em todas elas é que, de alguma maneira, as posições apresentadas por Winnicott,

assim como sua teoria do amadurecimento, estão em franco diálogo com a abordagem enativista. Todavia, a psicanálise é uma fonte a que esses teóricos não recorrem, pois a psicanálise freudiana foi descartada logo de início por ser tomada como representacionista e, dessa forma, aqueles que continuaram a desenvolver a abordagem enativista não chegaram a perceber que, tendo havido uma mudança de paradigmas na psicanálise, ela teria algo a contribuir. Nisto se concentra o terceiro vetor dos meus interesses.

No sentido de dar os primeiros passos na busca de um diálogo maior entre o enativismo e a psicanálise de Winnicott, publiquei o artigo “Interação ambiental na psicanálise de Winnicott” (2022). Nele procurei mostrar que o pouco investimento e avanços que a pesquisa enativista fez em relação ao estudo da psicanálise se devem ao fato de seus fundadores – Varela, Thompson e Rosch – terem se concentrado, em especial, em análises da psicanálise freudiana, a qual, em função das justas críticas feitas a ela, foi posicionada muito à margem dessa abordagem. Na sequência, como alternativa, apresento o exemplo da abordagem psicanalítica de Winnicott sobre o conceito de ambiente para mostrar que sua teoria se distancia de uma psicanálise que trabalha com pressupostos da filosofia representacional e que seu conceito de ambiente facilitador é relacional. Por fim, procuro mostrar que o próprio enativismo tem buscado ir além de uma concepção simples de mente incorporada, procurando evidenciar que os fatores ambientais – num sentido que vai ao encontro da abordagem de Winnicott – têm grande peso na constituição de como chegamos a ser o que somos.

## Referências

- Santos, E. S. (2005). O conceito de angústia no pensamento pós-metafísico. *Revista de filosofia: Aurora*, 17(20), 45-66.
- Santos, E. S. (2006). O acontecer humano: alguns apontamentos. *Winnicott e-prints*, 1(1), 53-61.
- Santos, E. S. (2007a). D. W. Winnicott e Heidegger: indicações para um estudo sobre a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana. *Natureza humana*, 9(1), 29-49.
- Santos, E. S. (2007b). D. W. Winnicott: instigações a uma fenomenologia existencial. In Z. Loparic & R. Walton (orgs.), *Phenomenology 2005*, (2), 527-558. Bucareste: Zeta Books.
- Santos, E. S. (2008). Winnicott e o perigo da “prostituição da educação”. *Aprender*, 2(11), 179-198.
- Santos, E. S. (2009). Ontologia em Winnicott. *Winnicott e-prints*, 14(1 e 2), 01-17.

- Santos, E. S. (2010). *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWWeditorial.
- Santos, E. S. (2011a). Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott. *Revista de filosofia: Aurora*, 23(33), 453-473.
- Santos, E. S. (2011b). Winnicott e Heidegger: relações entre o amadurecimento pessoal e a acontecência humana. In E. O. Dias e Z. Loparic (orgs.), *Winnicott na Escola de São Paulo* (pp. 133-154). São Paulo: DWWeditorial.
- Santos, E. S. (2012). Loparic, leitor de Heidegger e Winnicott. In E. O. Dias (org.), *Relendo a psicanálise com Loparic* (pp. 43-56). São Paulo: DWWeditorial.
- Santos, E. S. (2013a). Angústia do ser e angústia de ser: conceitos psicanalíticos de angústia iluminados por Heidegger. *Natureza Humana*, 15(1), 63-75.
- Santos, E. S. (2013b). Em busca de uma ética do cuidado à luz de Heidegger, Nishitani e Winnicott. In Z. Loparic (org.), *Winnicott e a ética do cuidado* (pp. 101-113). São Paulo: DWWeditorial.
- Santos, E. S. (2014). Contrapontos com relação à moralidade em Freud e Winnicott. *Revista de filosofia: Aurora*, 26(38), 63-80.
- Santos, E. S. (2016a). Apontamentos sobre o paradigma da psicanálise de Winnicott. In F. V. Bocca, E. R. Fonseca, R. M. de Almeida e Z. Loparic (orgs.), *Pluralismo na psicanálise* (pp. 157-180). Curitiba: Pucpress.
- Santos, E. S. (2016b). Pressupostos conceituais para a compreensão de angústia em Freud e em Winnicott. *Natureza Humana*, 18(2), 49-69.
- Santos, E. S. (2018a). A psicanálise aplicada de Winnicott como guia para se pensar em uma ontologia. In C. V. Ribeiro (org.), *Ontologia e psicanálise: diálogos possíveis* (pp. 71-89). São Paulo: DWWeditorial.
- Santos, E. S. (2018b). Criação em Winnicott e recri(e)ação filosófica. *Acta scientiarum. Human and social sciences*, 40(1), 22-29.
- Santos, E. S. (2018c). Temas filosóficos na psicanálise de Winnicott. *Trágica: estudos sobre Nietzsche*, 11(1), 37-52.
- Santos, E. S. (2019a). Desdobramentos filosóficos a partir de Winnicott. *Natureza Humana*, 21(2), 190-210.
- Santos, E. S. (2019b). *Path of Science of man in Heidegger*. Nordhausen, Alemanha: Traugott Bautz.
- Ribeiro, C. V., e Santos, E. S., (orgs.). (2021a). *Winnicott e a filosofia*. São Paulo: DWWeditorial.

Ribeiro, C. V., e Santos, E. S. (2021b). Apresentação. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos (orgs.), *Winnicott e a filosofia* (pp. 237-258). São Paulo: DWWeditorial.

Santos, E. S. (2021). A ontologia original de Winnicott: questão de ser. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos (orgs.), *Winnicott e a filosofia* (pp. 237-258). São Paulo: DWWeditorial.

Santos, E. S. (2022). Interação ambiental na psicanálise de Winnicott. *Revista Sofia*, 10(1), 299-317.